

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O São Paulo

Class.: HCTR.0001

Data: 5a 10 de abril de 1980

Pg.: _____

O São Paulo 5a 10/4/80
Quatrocentos anos de guerra contra os índios

Marcio Souza

Assim chamada civilização dos brancos é bastante diferente das civilizações dos índios.

A civilização dos brancos está dividida em classes sociais, entre quem tem propriedades e que não tem, entre ricos e pobres, entre explorados e exploradores.

As civilizações indígenas da Amazônia nunca estiveram divididas em classes sociais. Entre os índios não há proprietários e não proprietários, não há ricos nem pobres, não há exploradores nem explorados.

Somente esta diferença principal já bastava para criar uma guerra.

Por que existe esta diferença?

Existe esta diferença porque entre os índios não há a propriedade privada. A terra é de toda a tribo, os alimentos, os utensílios, tudo é coletivo.

Pelo fato dos índios sobreviverem até hoje sem a propriedade privada, pelo fato de mostrarem que é possível viver e morrer sem propriedade privada, os índios despertaram o ódio daqueles dentre os brancos chamados de proprietários, dos ricos, daqueles chamados exploradores.

Cada tribo existente é um insulto aos brancos ricos que dizem que a propriedade privada é sagrada.

O que vamos ver, de agora em diante, é como aconteceu ao longo dos anos a guerra entre brancos, ricos e índios, bem como, aparece na Amazônia os novos aliados dos índios, os civilizados ou brancos pobres, tão explorados quanto os índios.

Alguns cientistas afirmam que o homem está vivendo na Amazônia há pelo menos 40.000 anos. De certo, estima-se a presença humana por volta

de 6.000 a 5.000 anos. Isto é, os tataravós dos tataravós dos bisavós dos bisavós dos avós dos avós dos povos indígenas já estavam aqui. A ciência aos poucos vai confirmando as histórias dos primeiros tempos contados pelos velhos.

Para ficar sabendo como eram essas tribos dos tempos antigos, vamos escolher duas grandes nações: os Omáguas e os Tapajós.

Os Omáguas habitavam o rio Solimões, desde o Rio Negro até o Rio Japurá. Eram tantas as malocas que os primeiros homens brancos não conseguiram contá-las. Tinham uma civilização bastante evoluída, uma agricultura farta, boas casas. Falavam uma língua pertencente ao tronco tupi e por isto eram primos dos Saterê-Mawé.

Os Tapajós viviam no Rio Amazonas, entre o Rio Negro e a ilha de Marajó. Também eram muito numerosos, mas pouco se ficou sabendo deles. Pelas cerâmicas que deixaram, além da discriminação de algumas cerimônias deixadas por brancos que estiveram entre eles, suspeita-se que os Tapajós tenham sido gente de tronco Aruaque, isto é, primos dos Baniwa, dos Tariana e de muitos povos que hoje vivem no alto do Rio Negro.

Estes dois povos viviam muito bem, nunca faltava comida, e até trocavam certos utensílios ou excedentes, numa espécie de comércio regido por festas e cerimônias.

OS BRANCOS CHEGARAM

O primeiro branco a visitar a região foi o aventureiro espanhol Vicente Pizon, meses antes do português Pedro Álvares Cabral. Isto no ano de 1500, segundo a contagem do tempo adotada pelos brancos.

Os brancos queriam os produtos que a floresta oferecia, para comerciar na Europa. Os grandes comerciantes da Espanha e Portugal pagavam as viagens para a Amazônia. Mas queriam mercadorias em troca. E os índios começaram a sofrer. Era o índio que tinha que trabalhar para os brancos, colher o que eles queriam, servir de escravos, permitir que os brancos mandassem. A situação nesta época estava assim:

De um lado, os brancos comerciantes pagando para os brancos soldados escravizarem os índios. E do outro lado, os índios, sozinhos, resistindo como podiam.

Cento e cinquenta anos depois da visita do espanhol Pinzon, os Omáguas e os Tapajós já não existem mais, tinham sido todos assassinados.

No Rio Negro, entre 1723 e 1728, o tuxaua Ajuricaba, dos Maná, lidera uma confederação de muitas nações, quase todas as que habitavam a área, fazendo a guerra aos portugueses. Este grande guerreiro Ajuricaba, pela coragem e sabedoria, ganhara a admiração até, de seus inimigos brancos. Será derrotado pelas tropas de elite do comandante Belchior Mendes de Moraes, um frio criminoso que não recua frente ao massacre de mulheres, crianças, velhos e doentes. No final da guerra, 40.000 índios terão desaparecido, além das muitas doenças que os brancos trouxeram para o Rio Negro.

Na mesma época e um pouco depois, levantaram-se e guerrearam contra os brancos, as nações dos Muhra e dos Munduruku. Tiveram melhor sorte que os maná, hoje totalmente desaparecidos.

Mas por que os índios sempre perdiam?

Alguns dizem que os índios perdiam porque não podiam lutar contra as armas de fogo, os canhões dos bran-

cos. Isto é um pouco verdade, mas não é toda a verdade.

Os índios perdiam porque lutavam sozinhos.

QUANDO OS ÍNDIOS LUTARAM SOLIDÁRIOS

A Cabanagem é o nome da grande revolução do povo pobre da Amazônia, contra o desejo dos grandes comerciantes portugueses continuarem mandando na Amazônia.

A Cabanagem teve muitos líderes e começou com uma briga entre os ricos do Pará. O padre Batista Campos, dono de terra, mas um homem progressista, queria uma Amazônia mais justa.

Em 1832 o povo se rebelou e tomou Belém, logo foi a vez de Manaus e de todas as cidades da região.

A palavra de ordem era: **VOLTA AO INDIANISMO PURO!** O que era isto? Esta palavra de ordem significava que a terra deve ser de quem trabalha nela, dos índios e dos pobres, dos posseiros, etc.

O grande momento da Cabanagem é a participação indígena, sobretudo dos Saterê-Mawé, na região do Rio Maués e Andirá, bem como dos Muhra, no médio Madeira e Autazes.

O líder deste momento é o índio Maparajuba, grande guerreiro, que derrotou os soldados do Imperador e elementos armados pelos ricos. Marapajuba e os saterê-mawé nunca foram derrotados e receberam a anistia de arma na mão. Por que?

Os máios não foram derrotados completamente porque estavam lutando ao lado dos outros explorados. Nesta época já existiam pobres, trabalhadores, e foram estes que, lutando juntos conseguiram vencer. (Porantim, Manaus, março de 1980)